

SELF-MEDICATION RATE AMONG HEALTH STUDENTS AT A PRIVATE EDUCATIONAL INSTITUTION IN CASCAVEL/PR

ÍNDICE DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DOS CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO PARTICULAR DE CASCAVEL/PR

AUTOMEDICACIÓN ENTRE ESTUDIANTES SANOS DE UNA INSTITUCIÓN EDUCATIVA PRIVADA EN CASCAVEL/PR.

RESUMO

Objetivo: identificar o índice de automedicação entre estudantes do primeiro e último ano de cursos da área da saúde, como medicina, farmácia, fisioterapia, educação física, enfermagem, fonoaudiologia e nutrição e também verificar quantos destes foram prescritos por médicos ou indicados por farmacêuticos, e quantos foram usados para automedicação **Metodologia:** Um questionário virtual foi aplicado aos acadêmicos de forma anônima, com questões para a determinação do perfil dos acadêmicos e questões sobre o uso de anti-inflamatórios, vitaminas, anti-histamínicos, analgésicos, antitérmicos e relaxantes térmicos nos últimos 6 meses, e também de os mesmos foram prescritos por algum profissional da saúde e também sobre o entendimento de riscos da prática dos acadêmicos de primeiro e último ano. **Resultados:** Houve 72 respostas, majoritariamente de estudantes entre 18 e 22 anos (68,1%), obteve-se que (59,7%) foram do primeiro ano, destes (26,39%) ficaram em dúvida se a automedicação causa riscos a saúde. O curso de farmácia atingiu o maior número de respostas (43,1%), e os analgésicos foram os medicamentos mais utilizados (27,8%). **Conclusão:** A percepção de que analgésicos são inofensivos pode explicar sua prevalência, embora seu uso prolongado possa levar a reações adversas e danos renais. A automedicação deve ser tratada com seriedade, com programas educativos que enfatizem seus perigos. Com isso, será possível formar profissionais conscientes e capacitados para orientar seus pacientes de forma ética e adequada, contribuindo para a redução da automedicação e promoção da saúde e bem-estar dos pacientes.

Palavras-chave: Automedicação; Acadêmicos; Medicamento;

ABSTRACT

Objective: to identify the rate of self-medication among first and final year students of health courses such as medicine, pharmacy, physiotherapy, physical education, nursing, speech therapy and nutrition, and also to check how many of these were prescribed by doctors or indicated by pharmacists, and how many were used for self-medication **Methodology:** A virtual questionnaire was administered to the students anonymously, with questions to determine the profile of the students and questions about the use of anti-inflammatories, vitamins, antihistamines, analgesics, antipyretics and thermal relaxants in the last 6 months, and also whether they had been prescribed by a health professional and also about the understanding of the risks of the practice by first and final year students. **Results:** There were 72 responses, mostly from students aged between 18 and 22 (68.1%), 59.7% were from the first year, of whom 26.39% were in doubt as to whether self-medication causes health risks. The pharmacy course had the highest number of responses (43.1%), and painkillers were the most commonly used medication (27.8%). **Conclusion:** The perception

that analgesics are harmless may explain their prevalence, although their prolonged use can lead to adverse reactions and kidney damage. Self-medication should be treated seriously, with educational programs that emphasize its dangers. In this way, it will be possible to train professionals who are aware and trained to guide their patients

Keywords: Self-medication; Academics; Medication;

RESUMEN

Objetivo: identificar el índice de automedicación entre estudiantes de primer y último año de carreras de salud como medicina, farmacia, fisioterapia, educación física, enfermería, logopedia y nutrición, y también ver cuántas de ellas fueron prescritas por médicos o indicadas por farmacéuticos, y cuántas fueron utilizadas para automedicación **Metodología:** Se administró un cuestionario virtual a los estudiantes de forma anónima, con preguntas para determinar el perfil de los estudiantes y preguntas sobre el uso de antiinflamatorios, vitaminas, antihistamínicos, analgésicos, antipiréticos y relajantes térmicos en los últimos 6 meses, y también si habían sido prescritos por un profesional sanitario y también sobre la comprensión de los riesgos de la práctica por parte de los estudiantes de primer y último curso. **Resultados:** Hubo 72 respuestas, la mayoría de estudiantes de entre 18 y 22 años (68,1%), el 59,7% eran del primer curso, de los cuales el 26,39% tenían dudas sobre si la automedicación provoca riesgos para la salud. El curso de farmacia fue el que obtuvo un mayor número de respuestas (43,1%), y los analgésicos fueron los medicamentos más utilizados (27,8%). **Conclusión:** La percepción de que los analgésicos son inocuos puede explicar su prevalencia, aunque su uso prolongado puede provocar reacciones adversas y daño renal. La automedicación debe tratarse con seriedad, con programas educativos que enfatizen sus peligros. De esta forma, se podrá formar a profesionales concienciados y cualificados para orientar a sus pacientes

Palabras clave: Automedicación; Académicos; Medicación;

1. INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática amplamente realizada, especialmente em sociedades onde o acesso à informação e aos medicamentos é facilitado. Entre os acadêmicos da área da saúde, essa questão ganha contornos ainda mais críticos, uma vez que os estudantes se encontram em diferentes estágios de formação em que alguns estão apenas começando seus estudos, outros estão prestes a ingressar no mercado de trabalho e a atuar como profissionais de saúde, tornando-se referências para a população em termos de cuidado, diagnóstico e tratamento. (Silva De Aquino et al., 2008)

A investigação sobre a automedicação entre esses grupos é fundamental para avaliar se há diferenças no comportamento e no entendimento deles sobre riscos envolvidos nesta prática, além de identificar padrões que possam estar relacionados ao avanço no curso e ao aumento de conhecimento técnico. (Brito, 2010)

A facilidade de acesso à informação por meio de plataformas digitais, como redes sociais, aliada ao crescente mercado de medicamentos sem prescrição, tem promovido um ambiente em que a automedicação é frequentemente incentivada. Estudantes de áreas relacionadas à saúde, por sua proximidade com conhecimentos sobre medicamentos, podem ser ainda mais suscetíveis a esse comportamento, seja por

acreditarem ter mais domínio sobre o uso de fármacos, seja pela pressão de demandas acadêmicas e emocionais (Aquino et al., 2010).

Nesse contexto, é necessário questionar se a educação formal recebida ao longo da graduação contribui para uma conscientização sobre os riscos da automedicação ou, se o contato prolongado com informações médicas e farmacológicas aumentam a confiança no uso indiscriminado de medicamentos. (Silva et al., 2012)

Os acadêmicos de saúde, público-alvo deste estudo, enfrentam um ambiente de grande pressão. Estudantes que se encontram no início de graduação geralmente passam por uma transição desafiadora, adaptando-se a novas responsabilidades e a um ambiente universitário mais exigente, o que pode levar a altos níveis de estresse. Já aqueles nos anos finais da graduação lidam com a iminência do mercado de trabalho e com o desafio de aplicar na prática os conhecimentos adquiridos, o que também gera estresse e pode influenciar suas decisões sobre o uso de medicamentos, muitas vezes sem consulta médica (Lima et al., 2023). Assim, a relação entre o conhecimento técnico adquirido e a automedicação torna-se um ponto crucial a ser investigado.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de compreender o impacto do avanço no curso sobre o comportamento dos estudantes em relação à automedicação. Inicialmente, pode-se esperar que os alunos do primeiro ano, ainda sem a devida formação, apresentam índices mais altos de automedicação por desconhecimento dos riscos. Por outro lado, os estudantes dos últimos anos, já próximos de se tornarem profissionais da saúde, podem estar mais cientes dos perigos associados ao uso inadequado de medicamentos. No entanto, uma hipótese a ser explorada é a possibilidade de que, à medida que adquirem mais conhecimento técnico, eles sintam-se mais seguros para realizar automedicação, confiando em sua própria formação, o que poderia perpetuar esse comportamento.

O presente estudo busca, portanto, investigar se a formação acadêmica influencia de forma significativa a prática de automedicação entre estudantes de cursos como medicina, farmácia, fisioterapia, educação física, enfermagem, fonoaudiologia e nutrição. O objetivo é identificar se há variações nesse comportamento, levando em conta o estágio da formação, a área de estudo e o perfil dos estudantes. Portanto, será analisada a frequência da automedicação entre alunos dos primeiros e últimos anos desses cursos, além de verificar as classes de medicamentos mais utilizadas. Essa análise permitirá não apenas comparar o comportamento de automedicação entre os diferentes estágios de formação, mas também entender se a educação formal em saúde contribui para uma maior conscientização ou se, pelo contrário, reforça a confiança no uso de medicamentos sem orientação adequada.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com acadêmicos o **Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz** (Cascavel/PR). A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário eletrônico, desenvolvido na plataforma Google Forms, garantindo o anonimato dos participantes. Apenas o e-mail foi solicitado para o envio das respostas e do Termo de Consentimento.

Os QR Codes para acesso ao questionário foram previamente distribuídos nas salas de aula, com a autorização dos coordenadores dos cursos. O questionário continha perguntas fechadas, estruturadas para traçar o perfil dos estudantes e investigar a prática de automedicação, além de identificar as classes de medicamentos mais utilizados.

O estudo seguiu um delineamento transversal, com foco na análise da automedicação em dois momentos distintos da formação acadêmica no início e no final dos cursos. Assim, foi possível avaliar como o conhecimento técnico adquirido ao longo dos anos impacta esse comportamento entre os estudantes da área da saúde.

O questionário incluiu perguntas fechadas sobre o perfil dos participantes e a prática da automedicação, além de identificar as classes de medicamentos mais utilizadas, frequência e motivo da utilização. A população-alvo consistiu em estudantes de primeiro e último ano dos cursos de Medicina, Farmácia, Fisioterapia, Educação Física, Enfermagem, Fonoaudiologia e Nutrição. Foram incluídos apenas acadêmicos dessas áreas que estivessem nos períodos específicos, com exclusão de alunos de outros cursos, de anos intermediários e de acadêmicos menores de 18 anos ou que optaram por não responder ao questionário. Os dados obtidos foram tabulados e analisados qualitativamente e quantitativamente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A caracterização da população foi realizada com questões como idade, sexo, curso, ano que está cursando e acesso a saúde de forma privada, como planos de saúde. Foram coletadas ao todo 72 respostas. Esses dados são fundamentais para contextualizar o perfil dos participantes da pesquisa, proporcionando uma compreensão mais ampla de suas características socioeconômicas e demográficas, fatores que podem impactar a percepção e o uso de serviços farmacêuticos e de saúde.

Tabela 1: Perfil dos acadêmicos participantes da pesquisa.

IDADE	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	%
18 - 22 anos	49	68,1%
23 – 27 anos	14	19,4%
28 – 32 anos	2	2,8%
+ 32 anos	7	9,7%
SEXO	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	%
Feminino	51	70,8%
Masculino	21	29,2%
POSSUI PLANO DE SAÚDE?	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	%
Sim	45	62,5%
Não	27	37,5%

SEPARAÇÃO POR ANO DA FACULDADE	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	%
Acadêmicos do primeiro ano	43	59,72%
Acadêmicos do último ano	29	40,28%

CURSO	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	%
Educação física	10	13,89%
Enfermagem	6	8,33%
Farmácia	31	43,06%
Fisioterapia	11	15,28%
Fonoaudiologia	6	8,33%
Medicina	8	11,11%

FONTE: Dados obtidos na pesquisa

A distribuição etária dos entrevistados revela que a maioria dos acadêmicos está na faixa de 18 a 22 anos, representando 68,1% da amostra. Esse perfil é característico de estudantes que ingressam na graduação logo após o ensino médio. Em estudo de Trevisol e Nierotka (2016), foi observado um percentual semelhante, com 71,5% dos estudantes entrevistados tendo entre 18 e 24 anos, corroborando os dados da presente pesquisa.

Referente ao sexo dos participantes é composto majoritariamente por participantes do sexo feminino, que representam 70,8% do total, enquanto o sexo masculino constitui 29,2%. Esse dado pode refletir a composição de gênero frequentemente observada em cursos da área da saúde, nos quais há uma tradição de presença feminina maior. (Veras et al., 2020).

Verificou-se que 62,5% dos participantes possuem plano de saúde, enquanto 37,5% não têm acesso a esse serviço. Esse aspecto é relevante para o estudo da automedicação, pois o acesso facilitado a consultas e serviços médicos entre aqueles com plano de saúde pode reduzir a necessidade ou a tendência à automedicação. Em contraste, os acadêmicos sem plano de saúde podem recorrer mais frequentemente à automedicação devido ao custo e à demora no atendimento em redes públicas, conforme apontado por Galato et al. (2012).

A separação dos participantes por ano de faculdade mostra que 59,72% estão no primeiro ano, enquanto 40,28% sendo acadêmicos do último ano. Essa divisão permite explorar como o nível de conhecimento adquirido ao longo da graduação pode impactar o comportamento da automedicação, onde comparar essas duas categorias pode fornecer outras percepções sobre o impacto da formação acadêmica nas práticas de

automedicação, indicando se o aumento do conhecimento sobre medicamentos ao longo do curso leva a uma maior cautela ou a uma abordagem mais informada e responsável em relação ao uso de medicamentos.

Tabela 2: Comparação entre o comportamento de estudantes do primeiro e último ano em relação à automedicação, busca por informações e uso de medicamentos.

RISCOS	DA	SIM	NÃO	TALVEZ	
AUTOMEDICAÇÃO					
Primeiro ano		17	7	19	
% Primeiro ano		23,61%	9,72%	26,39%	
Último ano		21	2	6	
% Último Ano		29,17%	2,78%	8,33%	
PROCURA	DE	BULA	INTERNET	PROFISSIONAL	
INFORMAÇÃO				DE SAÚDE	
Primeiro ano		10	12	21	
% Primeiro ano		13,89%	16,67%	29,17%	
Último ano		8	13	8	
% Último Ano		11,11%	18,05%	11,11%	
O MEDICAMENTO		SIM	NÃO		
FOI PRESCRITO					
POR UM MÉDICO					
OU					
FARMACÊUTICO					
Primeiro ano		21	22		
% Primeiro ano		29,2%	30,5%		
Último ano		5	24		
% Último ano		6,94%	33,3%		
CAUSAS	DA	CEFALEIA	MIALGIA	RESFRIADO	DORES
AUTOMEDICAÇÃO					GASTROINTESTINAIS
O					

23	7	32	2	8
31,9%	9,7%	44%	2,8%	11,1%

FONTE: Dados obtidos na pesquisa

Em relação à percepção dos acadêmicos sobre os riscos da automedicação (Tabela 2), observou-se que 29,17% dos estudantes do último ano relataram conhecer os riscos associados a essa prática, em comparação a 23,16% entre os estudantes do primeiro ano, o que reflete um aumento percentual para os alunos em fases mais avançadas do curso. Esse resultado pode indicar uma maior conscientização sobre os riscos do uso inadequado de medicamentos ao longo da formação acadêmica, como descrito por Silva et al. (2014) em sua caracterização da automedicação entre estudantes da área da saúde.

A tabela apresentada reflete as práticas de automedicação entre estudantes de saúde, considerando alunos do primeiro e último ano do curso. Contudo, ao interpretar os resultados, é fundamental ressaltar que se obteve um menor número de respostas do último ano podendo comprometer as conclusões. No primeiro ano, observa-se uma distribuição equilibrada entre o uso de medicamentos prescritos por profissionais da saúde 29,2% e o uso de medicamentos sem prescrição em 30,5%. Já no último ano, os dados indicam uma queda acentuada no uso de medicamentos prescritos por algum profissional da saúde em 6,94%. O farmacêutico desempenha um papel crucial na orientação sobre o uso correto de medicamentos e na conscientização dos pacientes sobre os riscos da automedicação. Os profissionais também são fundamentais para ensinar os acadêmicos sobre a importância de buscar orientação profissional antes de iniciar qualquer tratamento, visando reduzir o uso indevido de medicamentos e promover o uso racional de fármacos. (Dopp et al., 2020)

Verificou-se que a automedicação entre os alunos do primeiro e segundo anos estava em 44,57% em relação aos alunos do terceiro e quarto ano representando 71,42%, o que indica então um aumento relativamente alto em quando comparados os anos em que os acadêmicos se encontram. Esse dado destaca a importância da formação em saúde na prevenção da automedicação, já que, o aumento da conscientização nas fases iniciais da graduação também pode ser crucial para mitigar esse comportamento. (Grobério et al., 2018)

O que se diz respeito às fontes de informação utilizadas pelos acadêmicos para automedicação ao longo do curso, a consulta a profissionais de saúde como fonte principal no primeiro ano (29,17%), sofre uma queda para 11,11% no último ano.

As informações sobre medicamentos sobre automedicação vieram de diversas fontes, das quais amigos/parentes ($n = 22$) e plataformas/redes sociais ($n = 21$) foram as mais dominantes. Profissionais de saúde também foram uma das fontes de informação sendo ($n = 15$), incluindo médicos, farmacêuticos, enfermeiros. Outras fontes de informação incluíram prescrições antigas, conhecimento acadêmico disponível em sites científicos. (Zheng et al., 2023)

Tabela 3: Classes de medicamentos mais utilizadas nos últimos seis meses

	Anti-Inflamatório	Antitérmico	Analgésico	Relaxante muscular	Anti-histamínico	Vitaminas
<i>Primeiro ano</i>	13	2	9	6	6	7
% <i>Primeiro ano</i>	18,06%	2,78%	12,5%	8,33%	8,33%	9,72%
<i>Último ano</i>	6	1	11	4	5	2
% <i>Último Ano</i>	8,33%	1,39	15,28%	5,56%	6,94%	2,78%

FONTE: Dados obtidos na pesquisa

A tabela apresentada mostra o uso de diferentes classes de medicamentos por estudantes de saúde, comparando os dados entre o primeiro e o último ano do curso. A análise desses dados revela mudanças importantes nas práticas de automedicação ao longo da formação acadêmica, indicando uma possível evolução no conhecimento e na percepção de risco associado a diferentes tipos de medicamentos. Os dados sugerem que, à medida em que os estudantes progredem no curso, suas práticas de automedicação se tornam mais seletivas. O aumento no uso de analgésicos, e a diminuição no uso de medicamentos mais específicos, como anti-inflamatórios, podem refletir um maior nível de consciência sobre a automedicação e seus potenciais riscos. Esses resultados destacam a importância de uma educação contínua sobre o uso racional de medicamentos ao longo da formação acadêmica.

Segundo Alves & Malafaia, 2014, existe uma prevalência do uso de medicamentos da classe dos analgésicos, antipiréticos, antibióticos e anti-inflamatórios no primeiro ano quando comparado ao último ano. Concluindo então que deve haver a implantação de ações de promoção e educação em saúde na instituição investigada, com foco ao uso racional de medicamentos desde o início da graduação.

Também observado por Silva et al., 2014, destaca-se ainda que a prática da automedicação com analgésicos é beneficiada pela facilidade de sua aquisição, uma vez que são medicamentos isentos de prescrição (MIP) e que são comercializados em farmácias e drogarias.

Entre as principais razões para a automedicação, 44,4% dos participantes apontaram o tratamento de resfriados, o que se faz relação considerando o período climático em que o estudo foi realizado, em que estas condições são mais frequentes. Além disso, 31,9% afirmaram o uso de medicamentos por conta de

cefaleia e 11,1% para febre. Esses dados reforçam a prevalência da automedicação em situações rotineiras e a necessidade de maior conscientização sobre o uso seguro de medicamentos.

A dor de cabeça mostra-se um dos principais motivos para a presença da automedicação, sendo uma situação que merece cuidados e atenção quando ocorre com frequência este sintoma. É possível identificar que uma das motivações para a utilização de medicamentos sem a prescrição médica são os agravos à saúde mais comuns na população, como as dores, entre essas a dor de cabeça (cefaleia), conforme descrito por Lopes, também houve destaque para as dores musculares e articulares, gripes e resfriados. (Lopes et al., 2023)

4. CONCLUSÃO

O estudo demonstra que, ao longo da graduação, o conhecimento técnico adquirido pelos acadêmicos da área da saúde amplia sua compreensão sobre os riscos da automedicação. No entanto, esse conhecimento pode contribuir para a perpetuação da prática, especialmente nos estágios mais avançados da formação. Observou-se que os acadêmicos do primeiro ano apresentam maior frequência de automedicação, frequentemente buscando orientação de profissionais de saúde para esclarecer dúvidas sobre os medicamentos. Por outro lado, os estudantes do último ano, embora mais conscientes dos riscos, podem ter a tendência a confiar apenas em seu próprio conhecimento técnico.

A pesquisa também revelou diferenças significativas nas classes de medicamentos utilizadas. Os alunos do primeiro ano recorrem mais frequentemente a anti-inflamatórios, enquanto os do último ano fazem maior uso de analgésicos. Esse padrão pode refletir não apenas as mudanças nas demandas acadêmicas, mas também uma percepção equivocada de que certos medicamentos, como os analgésicos, são inofensivos, quando na verdade seu uso prolongado pode levar a efeitos adversos.

A automedicação imprudente apresenta sérios riscos à saúde, podendo comprometer o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes. Assim, compreender a relação entre automedicação e autocuidado é essencial, pois essa prática influencia diretamente a qualidade de vida dos acadêmicos e de seus futuros pacientes.

Ao formar profissionais mais conscientes, é possível não apenas reduzir a automedicação, mas também fortalecer a relação de confiança entre profissionais de saúde e a população, promovendo um cuidado integral e ético à saúde coletiva.

REFERÊNCIAS

- Álvares, J., Guerra Junior, A. A., Araújo, V. E. de, Almeida, A. M., Dias, C. Z., Ascef, B. de O., Costa, E. A., Guibu, I. A., Soeiro, O. M., Leite, S. N., Karnikowski, M. G. de O., Costa, K. S., & Acurcio, F. de A. (2017). Access to medicines by patients of the primary health care in the Brazilian Unified Health System. *Revista de Saúde Pública*, 51, 20s. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2017051007139>
- Alves, TDA e Malafaia, G. (2014). Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. *ABCS Ciências da Saúde*, 39 (3). <https://doi.org/10.7322/abcshs.v39i3.649>
- Aquino, D. S. de, Barros, J. A. C. de, & Silva, M. D. P. da. (2010). A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 2533–2538. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000500027>
- ARRABAL JÚNIOR, J. M., & SALVI, J. D. O. (2018). FATORES ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO EM UMA FARMÁCIA COMUNITÁRIA DE OURO PRETO DO OESTE, RONDÔNIA. *Acta Biomédica Brasiliensia*, 9(2), 107. <https://doi.org/10.18571/acbm.177>
- Bernardes, H. C., Costa, F. F., Wanderley, J. C. S., Farias, J. P. de, Liberato, L. S., & Villela, E. F. de M. (2020). Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(4), 8631–8643. <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n4-111>
- Brito, É. G. de. (2010). Automedicação dos profissionais de saúde: uma revisão de literatura. *Www.arca.fiocruz.br*. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/29316>
- BVS - Ministério da Saúde - Dicas em Saúde. (n.d.). *Bvsmms.saude.gov.br*. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html
- Cunha, L. F. de O., & Bachur, T. P. R. (2019). A influência da educação médica na prática da automedicação entre acadêmicos de Medicina. *Repositorio.ufc.br*. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51832>
- De Moraes, E., & Furlan Júnior, O. (n.d.). CONSEQUÊNCIAS E QUAIS OS PRINCIPAIS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO. *Unifacvest*. <https://www.unifacvest.edu.br/assets/uploads/files/arquivos/e692c-ereni-de-morais---consequencias-e-quaais-os-principais-riscos-da-automedicacao.pdf>
- Delgado, A. F. dos S., & Vriesmann, L. C. (2018). O PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO NA SOCIEDADE BRASILEIRA. *Revista Saúde E Desenvolvimento*, 12(11), 57–75. <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/950>
- Dopp, AL, Hall, KK, & Fitall, E. (2020). Papel do farmacêutico na segurança do paciente. *Psnet.ahrq.gov*. <https://psnet.ahrq.gov/perspective/pharmacist-role-patient-safety>
- Galato, D., Madalena, J., & Pereira, G. B. (2012). Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(12), 3323–3330. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232012001200017>

- Gomes, G., Santos, D., Rodrigues De Souza, I., Ribeiro De Oliveira Trega, K., Emílio, P., & Salomão, A. (n.d.). OS RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO A importância da prescrição farmacêutica. https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2023/1280_os_riscos_da_automedicacao_a_importancia_da_prescricao_farmaceutica
- Grobério, L., De Moraes, M., Seidel, L., Bernardina¹, D., Andriato¹, L., Letícia, R., Dalvi¹, Y., Christina, & Loyola, S. (n.d.). *Automedicação em acadêmicos de Medicina Self-medication in medical students*. <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/01/1047947/167-170.pdf>
- Hunt, P., & Khosla, R. (2008). Acesso a medicamentos como um direito humano. *Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos*, 5(8), 100–121. <https://doi.org/10.1590/s1806-64452008000100006>
- Jesus, A. P. G. A. S., Yoshida, N. C. P., & Freitas, J. G. A. de. (2013). Prevalência da Automedicação entre Acadêmicos de Farmácia, Medicina, Enfermagem e Odontologia. *Revista EVS - Revista de Ciências Ambientais E Saúde*, 40(2), 151–164. <https://doi.org/10.18224/est.v40i2.2718>
- Könsngen, B. I., Nunes, B. P., Facchini, L. A., & Tomasi, E. (2021). Utilização de serviços de saúde e fatores associados, entre estudantes da Universidade Federal de Pelotas: estudo transversal, 2018. *Epidemiologia E Serviços de Saúde*, 30(3). <https://doi.org/10.1590/s1679-49742021000300013>
- LETÍCIA SILVA MOREIRA A IMPORTANCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NO COMBATE A AUTOMEDICAÇÃO. (n.d.). Retrieved October 4, 2024, from https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/53031/1/LETICIA_SILVA_MOREIRA.pdf
- Lopes de Oliveira, R., Borges Sodrê Lopes, M., & Leitão Alves, C. (2023). *CONTRIBUIÇÕES DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NO ENFRENTAMENTO A AUTOMEDICAÇÃO E O USO IRRACIONAL DE MEDICAMENTOS: O ESTADO DA ARTE NO BRASIL*. *Revista de Ciências da Saúde* <https://revistaft.com.br/contribuicoes-do-profissional-farmaceutico-no-enfrentamento-a-automedicacao-e-o-uso-irracional-de-medicamentos-o-estado-da-arte-no-brasil/>
- Medeiros, S. (2024, May 4). *Artigo – Promover o uso consciente de medicamentos: O papel essencial dos farmacêuticos*. Crfmt.org.br. <https://www.crfmt.org.br/artigo-promover-o-uso-consciente-de-medicamentos-o-papel-essencial-dos-farmaceuticos/>
- M. B. Costa, E. M. (2007). ENCONTRO FARMACOTERAPÊUTICO. *Revista Eletrônica de Farmácia*, 4(1). <https://doi.org/10.5216/ref.v4i1.2118>
- Moraes, L. G. M. de, Bernardina, L. S. D., Andriato, L. C., Dalvi, L. R., & Loyola, Y. C. de S. (2018). Automedicação em acadêmicos de Medicina. *Revista Da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, 16(3), 167–170. <https://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/361>
- Musial, D. C., Dutra, J. S., & Becker, T. C. A. (2007). A AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS BRASILEIROS. *SaBios-Revista de Saúde E Biologia*, 2(2). <https://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/sabios/article/view/85>

- Naves, J. de O. S., Castro, L. L. C. de, Carvalho, C. M. S. de, & Merchán-Hamann, E. (2010). Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15, 1751–1762. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700087>
- OMS. (2022). Automedicação | Biblioteca Virtual em Saúde MS. *Saude.gov.br*. <https://bvsms.saude.gov.br/automedicacao/>
- Pereira, J., Ramos, Soares, Hoepfner, Lígia, Kruger, Elisa, K., Guttermil, Leite, M., Tonini, Cristine, K., Devegili, Aparecida, D., Rocha, Regina, E., Verdi, Flávia, Dalfovo, Olsen, & Mendes. (n.d.). RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO: TRATANDO O PROBLEMA COM CONHECIMENTO. *Saude.gov.br*. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januarina_amos_trabalho_completo.pdf
- Silva De Aquino, D., Cabral De Barros, J., & Paes Da Silva, M. (n.d.). *TEMAS LIVRES FREE THEMES* 2533. <https://www.scielo.br/j/csc/a/kB6LHkhWpXqbz7QtmHJHqvz/?format=pdf&lang=pt>
- Silva, C. H. da, & Giugliani, E. R. J. (2004). Consumption of medicines among adolescent students: a concern. *Jornal de Pediatria*, 80(4), 326–332. <https://doi.org/10.2223/jped.1208>
- Silva, F. M. da, Goulart, F. C., & Lazarini, C. A. (2014). Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 16(3). <https://doi.org/10.5216/ree.v16i3.20850>
- Silva, R. C. G., Oliveira, T. M., Casimiro, T. S., Vieira, K. A. M., Tardivo, M. T., Junior, M. F., & Restini, C. B. A. (2012). Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 45(1), 5–11. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v45i1p5-11>
- Sousa, H. W. O., Silva, J. L., & Neto, M. S. (2008). A IMPORTANCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NO COMBATE À AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL. *Revista Eletrônica de Farmácia*, 5(1). <https://doi.org/10.5216/ref.v5i1.4616>
- Tognoli, T. D. A., Tavares, V. D. O., Ramos, A. P. D., Batigalia, F., De Godoy, J. M. P., & Ramos, R. R. (2019). Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. *Journal of Health & Biological Sciences*, 7(4), 382. <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i4.2571.p382-386.2019>
- Trevisol, J. V., & Nierotka, R. L. (2016). Os jovens das camadas populares na universidade pública: acesso e permanência. *Revista Katálysis*, 19(1), 22–32. <https://doi.org/10.1590/1414-49802016.00100003>
- Veras, R. M., Fernandez, C. C., Feitosa, C. C. M., & Fernandes, S. (2020). Perfil Socioeconômico e Expectativa de Carreira dos Estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44(2). <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.2-20190208>
- Zheng, Y.-P., Liu, J., Pou Kuan Tang, Hu, H., & Oi, C. (2023). Uma revisão sistemática da prática de automedicação durante a pandemia de COVID-19: implicações para a prática farmacêutica no apoio a medidas de saúde pública. *Frontiers in Public Health*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2023.1184882>